

Mensagem 66

Caldes de Malavella, Gerona (Espanha). 12 Março, 2004

O que é vida religiosa? O que é consciência religiosa?

Dezoito percepções são relatadas abaixo, em analogia aos dezoito capítulos do Bhagwat Gita - a antiga sabedoria humana

I) Vida religiosa significa reunir a energia para estar desperto para “o que é”, não gastando energia procurando “o que deveria ser”. Vida religiosa é a consciência do “ser”, não a angústia do “tornar-se”. Vida religiosa nega a dualidade e opostos a todos os níveis de existência e assim descobre divindade e omnipresença de momento a momento.

II) Consciência religiosa não tem crenças nem descrenças ou seja o que for. Está num estado de inocência, “não-saber”. Não tem imagem ou opinião acerca de ninguém. Ama o trabalho que faz, não o “sucesso” ou “resultado” do trabalho. Vida religiosa não tem motivo algum debaixo de qualquer disfarce.

III) Consciência religiosa é estado “*gunatit*” - transcendência e transformação dos “*gunas*” (traços e tendências) - um estado de liberdade, amor e compreensão.

IV) Não há reacção, vingança, resistência, ressentimento ou arrependimento na consciência religiosa que existe na equanimidade. O “eu” é apenas um ponto de referência para identificação que é útil para o propósito de ter um passaporte, carta de condução, cartão de crédito e afins. O “eu” não é o ponto de reforço da asserção, arrogância e agressão.

V) Na vida religiosa, eventos acontecem com mestria, sem muita necessidade de esforços ou egotismos.

VI) Consciência religiosa não procura Deus ou Céu. Em vez disso permanece atenta à sua avidez e ódio, e assim acaba com tais poluições mentais, para o piedoso e profundo do ser.

VII) Religiosidade não é o romantismo de ser-se Católico, Hindu, Muçulmano, Judeu ou de pertencer a este Baba ou aquele Mata, a esta seita ou aquele culto. Religiosidade não permite que o indivíduo esteja disponível para ser explorado por Padres ou Gurus.

VIII) Consciência religiosa não é o resultado de propaganda, seja de dez mil anos (oriental) ou de dois mil anos (ocidental). É livre de todas as perseguições e paradoxos emanantes de tal organizada propaganda.

IX) Ponderar (Swadhyay), prática (Tapas) e percepção (Pranidhan) e Sat-Chit-Ananda (vida pura, consciência pura e alegria pura) é a vida religiosa. Sem anseio de nenhum tipo e sem demora em nenhum hábito é o real saber da vida religiosa. Isto é o desaparecimento da mente e a virtude do amor e da vida.

X) Consciência religiosa é calma, viva e sensitiva e por isso recebe aquilo que é imenso e sem nome.

XI) Vida religiosa é livre da consciência separativa embora este separativismo ainda funcione para concretizar as tarefas diárias. Nesta vida, o movimento exterior e o movimento interior formam um movimento unitário, semelhante ao movimento da maré que vai e volta.

XII) Não existe centro de autoridade numa consciência religiosa. É anónima e solitária - livre de influências e ideais, livre dos hábitos culturais e condicionamentos. Um não-assumido e não-intitulado conhecimento emerge assim com todo o seu êxtase e euforia.

XIII) Consciência religiosa não procura reconhecimento e respeitabilidade colocando vestes especiais e variedade de túnicas coloridas de encanto e esplendor. Não induz em peculiares cortes de cabelo ou chapéus nem em diferentes tipos de estilos de barba para impressionar as pessoas.

XIV) Consciência religiosa tem a capacidade de aprofundar - de não seguir ninguém, nenhum livro. Não imita, mas é independente. Não pode ser formada ou moldada, e assim o sagrado está disponível. Não se conforma, e assim é criativa. Esta criatividade não é tua nem minha - é anónima!. O estabelecimento do “meu” - o obstinado egoísmo - é a contradição da criatividade.

XV) Consciência religiosa é a verdadeira consciência revolucionária e gera respostas adequadas para todos os desafios. Conhece o amor e assim não mata nem magoa ninguém. Só então existe a possibilidade de formar um mundo diferente, uma cultura diferente, uma sociedade diferente na qual a felicidade e alegria sejam possíveis.

XVI) Um homem religioso não está envolvido em inúmeros rituais, intermináveis cantos, tomando Sannyas (tornando-se monge), explicando interminavelmente o Gita, Corão ou Bíblia ou as suas crenças pessoais ou opiniões. Tal homem está apenas a fugir dos factos das suas compulsões, conflitos e condicionamentos. Por detrás de tal confuso homem esconde-se o crescimento do ego, expansão da agressividade e domínio. A avidez de poder nesse homem é inesgotável. Claro que esta avidez está camuflada por doces e oficiais sonantes palavras. Mas a corrupção da avareza, arrogância e antagonismo é alimentada por ele e pelos seus cúmplices de mentalidade semelhante. Das suas actividades nascem conflitos, intolerância e outras horríveis manifestações. Tais pobres mentes lidando “verdades” tornam-se ameaças para a humanidade.

XVII) Um homem religioso não faz uso do seu reservatório de avidez acumulada e medo para oferecer rezas petítórias a uma imagem projectada como “Deus”. Súplicas a outros para algo externo criando dualidade, não traz uma profunda compreensão do sagrado que existe dentro de nós. Quando tu (mente) deixas a poça, escavaste por ti e saís para o rio da vida, então a vida tem um surpreendente modo de cuidar, porque então não há interferência da superficial pequena mente. Então não existem problemas de segurança, consolo e auto-protecção quando o teu “eu” verdadeiro (não a mente) passa a ser parte da própria vida. Então não te preocupas com o que as pessoas dizem ou não. E isso é a benção e beleza da vida!

XVIII) Um homem religioso não pertence a nenhuma religião, a nenhuma raça, a nenhuma nação. Ele é a energia da inocência e para ele as benções do sagrado tornam-se no ser. Ele talvez pertença a um pequeno grupo de 20 ou 25 pessoas disponíveis com uma total sanidade, serenidade e quietude que se encontram de tempos a tempos, sem obrigações ou filiações, para discutir gentilmente a abordagem à realidade e realização, à pureza e percepção. Para prevenir que qualquer grupo se torne exclusivo, cada elemento pode de tempos a tempos encorajar e juntar outro pequeno grupo para que seja extensivo e liberal - não limitado e paroquial. Fora de tal pequeno mas esclarecido grupo, pode-se ajudar a criar um mundo mais sã e feliz, totalmente livre da cultura de matar e ser morto, de magoar e ser magoado.

DHIMAH I DHIYOYANAH PRACHODAYAT

